

O Futuro é Agora!

Caderno de Trabalho



Organizado por:

Acção Católica Rural | 2014

Índice

Nota Prévia	4
Revisão de Vida	6
I. Identidade e Missão da ACR	9
Tema I: Porque somos ACR - Missão na Comunidade.....	10
Tema II: Viver ACR - Missão no Mundo	17
II. A Família.....	25
Introdução	26
Tema I: O Valor da Família	28
Tema II: A Família e a crise económica e social	31
Tema III: A Família e a Abertura à Vida.....	33
Tema IV: A Família, um projecto duradouro	36
Anexo: Homília do Papa Francisco na Missa pelas Famílias....	40
III. Renovar a Pastoral da Igreja em Portugal	44
Tema I: Dificuldades da Comunidade Cristã	45
Tema II: Os Jovens e a Igreja	47
Tema III: Caminhos de Comunhão	49
IV. O Regresso à Agricultura	55

Nota Prévía

Este é mais um manual que, como os anteriormente publicados, se destina a orientar o trabalho da Acção Católica Rural nas dioceses e nos grupos em que ela está ou venha a estar implantada. Contém alguns dos temas seleccionados para o ano pastoral de 2013-2014, bem como as instruções essenciais para os dirigentes, militantes e simpatizantes.

O manual começa com um resumo da pedagogia da Revisão de Vida: o cerne da Acção Católica. De seguida são apresentados dois temas de reflexão sobre a identidade e missão da ACR na Igreja e no Mundo. Estes primeiros temas podem ser uma ferramenta importante para grupos em iniciação ou para ajudar os grupos a ir às raízes e redescobrirem a sua missão. O último Conselho Nacional da ACR elegeu como tema de trabalho para este ano pastoral a Família, assim sendo, a partir da carta pastoral “A força da família em tempos de crise” propõem-se quatro temas para a reflexão e acção nos grupos. Neste capítulo da Família é incluída a homilia do Papa Francisco na Missa pelas Famílias no Ano da Fé, a 27 de outubro de 2013, por se tratar de um texto com um convite importante a oração familiar.

O manual contém ainda um tema de trabalho sobre a agricultura e a importância que a mesma está a (re-) assumir em Portugal. Finalmente, este caderno inclui um conjunto de propostas de reflexão a partir do documento da Conferência Episcopal “Promover a renovação da pastoral da Igreja em Portugal”.

A equipa Nacional agradece a contribuição de todos os que contribuíram para a realização deste manual com sugestões de temas e elaboração de propostas de trabalho.

A concretização da ação apostólica depende sempre mais do trabalho dos militantes (das pessoas), do que dos esquemas e dos textos orientadores.

O manual é apenas um guia, um auxiliar, para que, pelo país fora, as secções, equipas e grupos, em Movimento, realizem a sua ação, dentro de um quadro de objetivos comuns que a todos una em ACR.

Os objetivos são ambiciosos! Continuar a ser, no meio rural, fermento para levedar a massa, luz que alumia e sal que tempera.

O êxito do trabalho depende do esforço de todos e de cada um, bem como da ação do Espírito Santo. Uma luz não se acende para se colocar debaixo do alqueire...

Um manual não se elabora para se meter na gaveta... Vamos ao trabalho, porque **O Futuro é Agora: Semeia, Cuida, Partilha!**

Equipa Nacional

Revisão de Vida

Metodologia da ACR

ACR e Revisão de Vida

- A ACR como **movimento laical evangelizador** utiliza a Revisão de Vida como metodologia.

Desse **TRABALHO EVANGELIZADOR.**

- Somos chamados a transformar a vida (evangelização do meio) segundo os critérios do Evangelho (ao estilo de Jesus), recriando a realidade:
 - Após uma leitura da vida;
 - Apresentando propostas;
 - Mobilizando energias;
 - Com criatividade realizar projetos de intervenção e/ou ação.

Etapas da Revisão de Vida

1. VER

- Atenção constante à vida
- Descobrir casos/acontecimentos que nos interpelam como pessoas cristãs

2. JULGAR

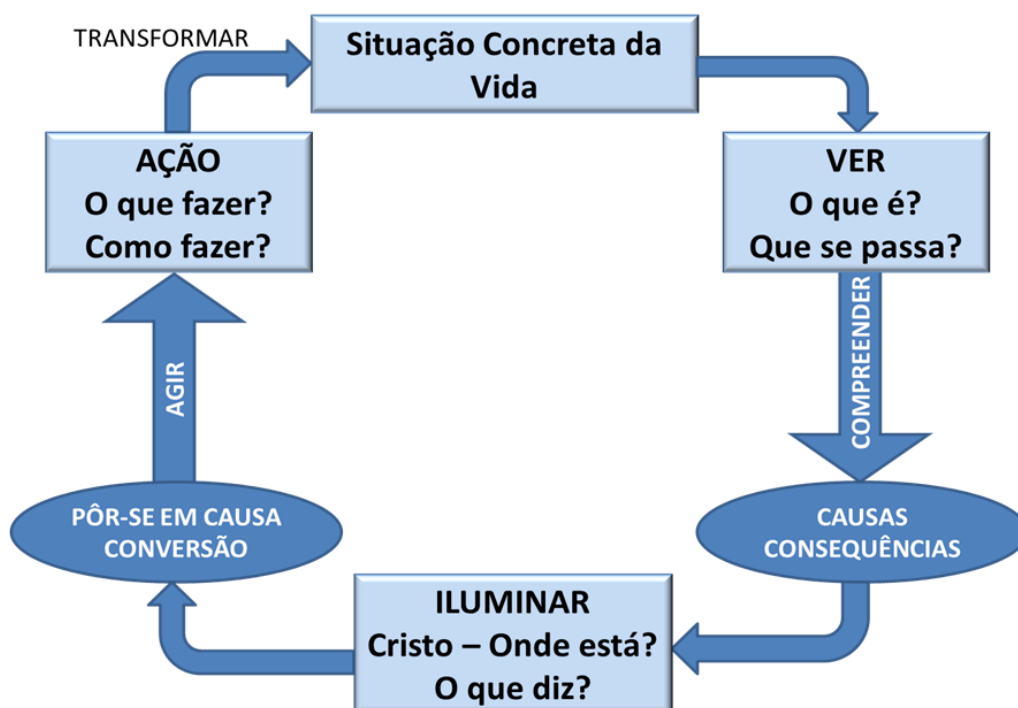
- Procurar causas e consequências
- Ponderar os valores e contravalores
- Ler as situações à luz dos critérios evangélicos

3. AGIR

- Compromissos de ação pessoal e em grupo
- Oração – envio

REVER

- Os compromissos assumidos
- As ações realizadas



1º Momento: VER (Partilha da Vida)

- Construir uma maneira de ver o mundo com os olhos de Jesus
 - Aprender em grupo a “Olhar como Jesus olhou...”
- Caracterizar o caso olhando CAUSAS e CONSEQUÊNCIAS
 - De modo objetivo e evitando juízos de valor moral (falsas superioridades, etc...)

2º Momento: Julgar (Iluminar a Vida)

- Perceber a presença de Deus, os sinais de pecado e de salvação. Confrontar a realidade com Jesus. (Se fosse Ele como seria?)
 - Aprender em grupo a “Amar como Jesus Amou...”
- Analisar a realidade e procurar caminhos de vida:
 - Colocar um olhar de salvação sobre as coisas!
- O que pensa Jesus disto?
 - Confrontar com o Evangelho e a Doutrina Social da Igreja
- Pôr-se em causa (CONVERSÃO)
 - Como é que eu me situo?
 - Que atitudes e valores expresso na minha vida?
- Conversão interior e credibilidade do testemunho
- Esta é a primeira etapa da transformação do meio!

3º Momento: Agir (Transformar a Vida)

- Descobrir o plano de Deus para as pessoas concretas e o compromisso que cada um de nós deve assumir (de acordo com as suas capacidades).
 - Aprender em Grupo a “Viver como Jesus viveu...”
- Assumir um papel transformador de nós próprios e do meio:
 - O que fazer? – Como fazer? – Que iniciativas?

Primeira Parte

Identidade e Missão da ACR



Identidade e Missão da ACR

Tema I

Porque somos ACR – Missão na Comunidade

VER

- A nossa paróquia dá testemunho de que: «pertence-lhe criar a primeira comunidade do povo cristão, iniciar e reunir o povo na expressão normal da vida litúrgica, conservar e reanimar a fé nas pessoas de hoje, dar-lhes a escola da doutrina salvadora de Cristo, praticar no sentir e no agir a humilde caridade das obras boas e fraternas» (CFL, 26)?
- Há muito “abandono” da Igreja dos cristãos da nossa comunidade paroquial?
- Sentimos que a ACR é reconhecida e apreciada pela comunidade paroquial (e pelo pároco)?
- Se há Conselho Pastoral Paroquial ou se não há e é habitual haver reuniões das Obras e Movimentos da paróquia, a ACR está representada nelas? É fiel à sua natureza, fins e carisma, sabe participar de maneira ativa, construtiva e qualificada?
- Quais são as causas e consequências das conclusões a que chegamos neste Ver?

JULGAR

Textos que poderão ajudar na iluminação e aprofundamento do tema:

Da Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Christifideles Laici (CFL)

– sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo, de João Paulo II

Eclesiologia de Comunhão

(...) As imagens bíblicas com que o Concílio se propôs introduzir-nos na contemplação do mistério da Igreja, realçam a realidade da Igreja-comunhão na sua inseparável dimensão de comunhão dos cristãos com Cristo e de comunhão dos cristãos entre si. São as imagens do redil, do rebanho, da videira, do edifício espiritual, da cidade santa. É sobretudo a imagem do corpo apresentada pelo apóstolo Paulo, cuja doutrina brota fresca e atraente em tantas páginas do Concílio. Por sua vez, o Concílio, reportando-se à história inteira da salvação, volta a propor a imagem da Igreja como *Povo de Deus*: «Aproveu a Deus salvar e santificar os homens, não individualmente, sem qualquer ligação entre eles, mas constituindo-os em povo que O reconhecesse na verdade e O servisse santamente. Logo nas suas primeiras linhas, a *constituição Lumen Gentium* compendia de forma admirável essa doutrina, ao escrever: «A Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou seja, o sinal e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano.

A realidade *da Igreja-Comunhão* é, pois, parte integrante, representa mesmo o *conteúdo central do «mistério»*, ou seja, do plano divino da salvação da humanidade. Por isso, a comunhão eclesial não pode ser adequadamente interpretada, se for entendida como uma realidade simplesmente sociológica e psicológica. A Igreja-Comunhão é o povo «novo», o povo «messiânico», o povo que «tem por cabeça Cristo... por condição a dignidade e a liberdade dos filhos de Deus... por lei o mandamento novo de amar como o próprio Cristo nos amou... por fim o Reino de Deus... e este povo é constituído por Cristo numa comunhão de vida, de caridade e de verdade». Os laços que unem os membros do novo Povo entre si – e antes de mais com Cristo – não são os da «carne» e do «sangue», mas os do espírito, mais precisamente, os do Espírito Santo, que todos os batizados recebem (cf. J1 3,1).

Com efeito, aquele Espírito que desde a eternidade é o laço da una e indivisa Trindade, este Espírito que «na plenitude do tempo» (*Gal 4, 4*) une indissolivelmente a carne humana ao Filho de Deus, esse mesmo e idêntico Espírito torna-se, ao longo das gerações cristãs, a fonte ininterrupta e inesgotável da comunhão na Igreja e da Igreja. (nº 19)

Comunhão orgânica: diversidade e complementaridade

O fiel leigo «não pode nunca fechar-se em si mesmo, isolando-se espiritualmente da comunidade, mas deve viver em contínuo intercâmbio com os outros, com vivo sentido de fraternidade, na alegria de igual dignidade e no empenho em fazer frutificar o imenso tesouro recebido em herança. O Espírito do Senhor dá-lhe a ele, como aos outros, múltiplos carismas, convida-o a diferentes ministérios e funções, recorda-lhe, como também recorda aos outros em relação a ele, que tudo o que o distingue *não é um suplemento de dignidade, mas uma especial e complementar habilitação para o serviço...* Deste modo os ministérios, as funções e os serviços do fiel leigo existem na comunhão e para a comunhão. São riquezas complementares em favor de todos, sob a sábia orientação dos Pastores. (nº 20)

A participação dos fiéis leigos na vida da Igreja

Os fiéis leigos participam na vida da Igreja, não só pondo em ação os seus ministérios e carismas, mas de muitas outras formas também.

Essa participação encontra a sua primeira e necessária expressão na vida e missão tanto das *Igrejas particulares*, como das Dioceses, nas quais «está verdadeiramente presente e atua a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica»

Acção Católica

Entre as várias formas de apostolado dos leigos, que têm particular relação com a Hierarquia, expressamente mencionaram os Padres sinodais vários movimentos e associações de *Acção Católica*, onde «os leigos se associam livremente de forma orgânica e estável, sob o impulso do Espírito Santo, na comunhão com o Bispo e com os sacerdotes, de forma a poderem servir, no estilo próprio da sua vocação, com método particular, o crescimento de toda a comunidade cristã, os projetos pastorais e a animação evangélica de todos os setores da vida, com fidelidade e operosidade». (nº 31)

Da Mensagem do Papa Bento XVI ao Fórum Internacional da Acção Católica (Agosto de 2012)

A co-responsabilidade eclesial e social

A co-responsabilidade exige uma mudança de mentalidade, particularmente em relação ao papel dos leigos na Igreja, que não devem ser considerados como «colaboradores» do clero, mas sim como pessoas realmente «co-responsáveis» pelo ser e pelo agir da Igreja. É importante, portanto, que se consolide um laicado maduro e comprometido, capaz de dar a sua contribuição específica à missão eclesial, no respeito pelos ministérios e pelas tarefas que cada um tem na vida da Igreja e sempre em comunhão com os Bispos.

A este propósito, a Constituição Dogmática *Lumen Gentium* define o estilo das relações entre leigos e Pastores com o adjetivo «familiar»: «Muitos bens se devem esperar destas relações confiantes (familiares, na versão em italiano) entre leigos e pastores: é que assim se fortalece nos leigos o sentido da própria responsabilidade, fomenta-se o seu empenho e mais facilmente se associam nas suas energias à obra dos pastores. Estes, por sua

vez, ajudados pela experiência dos leigos, tanto nas coisas espirituais como nas temporais, mais facilmente julgarão com acerto, a fim de que a Igreja inteira, com a energia de todos os seus membros, cumpra mais eficazmente a sua missão para a vida do mundo». (nº 37)

Queridos amigos, é importante aprofundar e viver este espírito de comunhão profunda na Igreja, característica dos inícios da Comunidade cristã, como o atesta o livro dos Atos dos Apóstolos: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma» (Act. 4,32). Senti como vosso, o compromisso de trabalhar para a missão da Igreja: com a oração, com o estudo, com a participação ativa na vida eclesial, com um olhar atento e positivo sobre o mundo, na busca contínua dos sinais dos tempos...

Conduzir ao encontro com Cristo, anunciando a sua Mensagem de salvação com linguagens e modos compreensíveis ao nosso tempo, caracterizado por processos sociais e culturais em rápida transformação, é o grande desafio da nova evangelização. Encorajo-vos a prosseguir com generosidade no vosso serviço à Igreja, vivendo plenamente o vosso carisma, que tem como traço fundamental o de assumir a finalidade apostólica da Igreja na sua globalidade, em equilíbrio fecundo entre Igreja universal e Igreja local e em espírito de íntima união com o Sucessor de Pedro e de ativa co-responsabilidade com os Pastores. (cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, *Decreto sobre o apostolado dos leigos Apostolicam Actuositatem*, 20). Nesta fase da história, à luz do Magistério social da Igreja, trabalhai também para serdes cada vez mais um laboratório de «globalização da solidariedade e da caridade», para crescerdes, com toda a Igreja, na co-responsabilidade de oferecer um futuro de esperança à humanidade, tendo também a coragem de formular propostas exigentes.

As vossas Associações de Acção Católica gloriam-se de uma larga e fecunda história, escrita por corajosas testemunhas de Cristo e do Evange-

lho, algumas das quais foram reconhecidas pela Igreja como beatos e santos. Seguindo seu exemplo, sois chamados hoje a renovar o compromisso de caminhar pela senda da santidade, mantendo uma intensa vida de oração, favorecendo e respeitando itinerários pessoais de fé e valorizando as riquezas de cada um, com o acompanhamento dos sacerdotes assistentes e de responsáveis capazes de educar na co-responsabilidade eclesial e social. Que a vossa vida seja «transparente», guiada pelo Evangelho e iluminada pelo encontro com Cristo, amado e seguido sem temor. Assumi e partilhai os programas pastorais das dioceses e das paróquias, favorecendo ocasiões de encontro e de sincera colaboração com as demais componentes da comunidade eclesial, criando relações de estima e de comunhão com os sacerdotes, com vista a uma comunidade viva, ministerial e missionária. Cultivai relações pessoais autênticas com todos, começando pela família, e oferecei a vossa disponibilidade na participação, a todos os níveis da vida social, cultural e política, tendo sempre como objetivo o bem comum.

Dos Princípios Básicos da Acção Católica Portuguesa

A A.C. coopera com a Hierarquia, pondo a experiência dos leigos inseridos nas diversas comunidades e meios ao serviço da Igreja, no estudo das circunstâncias e condições em que a Pastoral se há de realizar, bem como na elaboração e execução dos respetivos planos. (PB I-8)

A A.C., estruturada em Movimentos especializados, tem particular responsabilidade em tornar presente a Igreja nos diversos meios e comunidades de vida, e qualificada competência para tornar presentes à Igreja as realidades, valores e problemas, nuns e noutras descobertas. (PB I-9)

Da encíclica Lumen Fidei (LF – Luz da Fé), do Papa Francisco

A forma eclesial da fé

Quando São Paulo fala aos cristãos de Roma do único corpo que todos os crentes formam em Cristo, exorta-os a não se vangloriarem, mas a avaliarem-se «de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um» (*Rm 12,3*). O crente aprende a ver-se a si mesmo a partir da fé que professa. A figura de Cristo é o espelho em que descobre realizada a sua própria imagem. E dado que Cristo abraça em Si mesmo todos os crentes que formam o seu corpo, o cristão compreende-se a si mesmo neste corpo, em relação primordial com Cristo e os irmãos na fé. (...) Os cristãos sejam «todos um só» (*cf. Gl 3,28*), sem perder a sua individualidade, e, no serviço aos outros, cada um ganha profundamente o próprio ser. (nº 22)

Do Evangelho e de S. Paulo

- Jesus reza pelos futuros discípulos: João 17, 20-26
- Carismas, unidade e corpo: I Coríntios 12, 1-30

AGIR

Tendo em conta as conclusões a que chegámos no **Ver** e as reflexões que fizemos dos textos do **Julgar**, qual vai ser o **Agir**:

- De cada militante;
- Da Equipa-Base;
- E da Equipa Diocesana.

Estas ações decorrerão no sentido de uma maior e qualificada co-responsabilidade na paróquia, no Conselho Pastoral Diocesano e nos encontros diocesanos das Obras e Movimentos do Apostolado Laical.

Identidade e Missão da ACR

Tema II

Viver ACR – Missão no Mundo

VER

- Há muitos cristãos inativos na nossa paróquia?
- Nas instituições sociais, culturais, recreativas e até nos órgãos do poder local da nossa freguesia, sentimos a participação militante e competente dos cristãos-leigos?
- Quais são as realidades da sociedade atual que mais nos interpelam como cidadãos e cristãos?
- Quais são as grandes causas e consequências deste ver?

JULGAR

Textos que poderão ajudar na iluminação e aprofundamento deste tema:

Da Exortação Apostólica Pós-Sinodal – Christifideles Laici, de João Paulo II – sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo

A vinha é o mundo inteiro

Os Fiéis Leigos (*Christifideles Laici*) ... pertencem àquele Povo de Deus representado na imagem dos trabalhadores da vinha, de que fala o Evangelho de Mateus: «O Reino dos Céus é semelhante a um proprietário, que saiu muito cedo, a contratar trabalhadores para a sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e mandou-os para a vinha» (*Mt 20, 1-2*)

A parábola do Evangelho abre aos nossos olhos à imensa vinha do Senhor e à multidão de pessoas, homens e mulheres, que Ele chama e envia para nela trabalhar. A vinha é o mundo inteiro (cf. *Mt 13,8*), que deve ser transformado segundo o plano de Deus em ordem ao advento definitivo do Reino de Deus. (nº 1)

Urgências atuais no mundo: porque estais aqui o dia inteiro ociosos?

O significado fundamental deste Sínodo e, conseqüentemente, o seu fruto mais precioso, é que os «fiéis leigos escutem o chamamento de Cristo para trabalharem na Sua vinha», a fim de tomarem parte viva, consciente e responsável na missão da Igreja, nesta hora magnífica e dramática da história, no limiar do terceiro milénio.

Novas situações, tanto eclesiais como sociais, económicas, políticas e culturais, reclamam hoje, com força muito particular, a ação dos fiéis leigos. Se o desinteresse foi sempre inaceitável, o tempo presente torna-o ainda mais culpável. **«Não é lícito a Ninguém ficar inativo».**

Retomemos a leitura da parábola evangélica: «Ao sair novamente pelas cinco horas, encontrou outros que ali estavam e disse-lhes: «Porque ficais aqui o dia inteiro ociosos?» Eles responderam-lhe: “Porque ninguém nos contratou”. Disse-lhe ele: “Ide vós também para a minha vinha”» (Mt 20, 6-7) (CFL,3).

Não há lugar para ociosidade, sendo tanto o trabalho que espera a todos na vinha do Senhor. O «proprietário da casa» insiste ainda mais no seu convite: «Ide vós também para a minha vinha».

A voz do Senhor ressoa certamente no íntimo do próprio ser de cada cristão. Cada um, efetivamente, configurado com Cristo pela fé e pelos sacramentos, torna-se imagem de Jesus Cristo, insere-se na Igreja como seu membro vivo e é sujeito ativo da sua missão de salvação. A voz do Senhor faz-se também sentir através dos acontecimentos históricos da Igreja e da Humanidade, como nos lembra o Concílio: «O Povo de Deus, movido pela fé com que acredita ser conduzido pelo Espírito do Senhor, o qual enche o universo, esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e aspirações, que compartilha juntamente com os homens de hoje, quais são os verdadeiros sinais da presença ou da vontade de Deus. Porque a fé ilumina todas as coisas com nova luz, e faz conhecer o desígnio divino acerca da

vocação integral do homem e, dessa forma, orienta o espírito para soluções plenamente humanas».

Temos pois de encarar de frente este nosso mundo, com os seus valores e problemas, as suas ânsias e esperanças, as suas conquistas e fracassos: um mundo, cujas situações económicas, sociais, políticas e culturais, apresentam problemas e dificuldades mais graves do que aquelas que foram descritas pelo Concílio na Constituição pastoral *Gaudium et Spes*. É esta, todavia a vinha é este o campo no qual os fiéis leigos são chamados a viver a sua missão. Jesus quer que eles, como todos os Seus discípulos, sejam «sal da terra e luz do mundo» (cf. *Mt 5, 13-14*). Mas qual é o rosto atual da «terra e do mundo», de que os cristãos devem ser «o sal» e a «luz»?

É deveras grande a diversidade das situações e problemáticas do mundo de hoje, caracterizado por um movimento crescente de mudança. Por isso, é absolutamente necessário precaver-se contra generalizações e simplificações indevidas. Podem, no entanto observar-se algumas «linhas de tendência que se manifestam na sociedade atual». Como crescem juntos no campo evangélico o joio e o bom trigo, assim na história, teatro quotidiano da prática da liberdade humana, muitas vezes contraditória, encontram-se, lado a lado, por vezes profundamente ligados entre si, o mal e o bem, a injustiça e a justiça, a angústia e a esperança. (nº 3)

Secularismo e necessidade religiosa

Como não pensar na difusão persistente da «indiferença religiosa e do ateísmo» nas suas mais variadas formas, particularmente naquela que hoje talvez é a mais espalhada, a do *secularismo*? Embriagado pelas conquistas prodigiosas do progresso científico-técnico e, sobretudo, fascinado pela mais antiga e sempre nova tentação de querer tornar-se como Deus (cf. *Gn 3,5*), através do uso da liberdade sem limites, o homem corta as raízes religiosas que mergulham no seu coração: esquece-se de Deus, conside-

ra-O vazio de significado para a sua existência, recusa-O, prostrando-se em adoração diante dos «ídolos» mais variados.

É verdadeiramente grave o fenómeno atual do secularismo: não atinge apenas os indivíduos, mas, de certa forma, comunidades inteiras, como já observava o Concílio: «Multidões cada vez maiores, na prática, afastam-se da religião». Repetidas vezes eu mesmo recordei o fenómeno da descris-tianização, que atinge os povos cristãos de antiga tradição cristã e que exige, sem mais delongas, nova evangelização.

Todavia, *a aspiração e a necessidade religiosas* não podem apagar-se totalmente. A consciência de cada homem, quando tem a coragem de enfrentar as interrogações mais sérias da existência humana, especialmente o sentido da vida, o sofrimento e a morte, não pode deixar de fazer sua a palavra de verdade proclamada por Santo Agostinho: «Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti». O próprio mundo de hoje também o atesta, manifestando de formas cada vez mais amplas e vivas a abertura para uma visão espiritual e transcendente da vida, o despertar da procura religiosa, o regresso ao sentido do sagrado e à oração, a exigência de liberdade na invocação do Nome do Senhor. (nº 4)

Jesus Cristo, Esperança da Humanidade

Tal é o vasto e atribulado campo patente aos trabalhadores que «o dono da casa» envia a trabalhar na sua vinha.

Neste campo está presente e operante a Igreja, todos nós, pastores e fiéis, sacerdotes, religiosos e leigos. As situações atrás recordadas atingem profundamente a Igreja; que em parte, é condicionada por elas, embora não esmagada nem tão-pouco vencida, pois o Espírito Santo, que é a sua alma, sustenta-a na sua missão.

A Igreja sabe que todos os esforços que a humanidade está a envidar em favor da comunhão e da participação, não obstante todas as dificulda-

des, atrasos e contradições devidas às limitações humanas, ao pecado e ao Maligno, encontram plena resposta na intervenção de Jesus Cristo, Redentor do homem e do mundo.

A Igreja sabe que foi mandada por Ele como «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano».

Apesar de tudo, portanto, a humanidade pode ter esperança, deve ter esperança: o Evangelho vivo e pessoal, «Jesus Cristo em pessoa», é a «"notícia" nova e portadora de alegria» que a Igreja cada dia anuncia e testemunha a todos os homens.

Neste anúncio e neste testemunho os fiéis leigos têm um lugar original e insubstituível: por meio deles a Igreja de Cristo torna-se presente nos mais diversos setores do mundo, como sinal e fonte de esperança e de amor. (nº 7)

Do Compêndio do Catecismo da Igreja Católica

Razão de ser da criação do mundo

O mundo foi criado para a glória de Deus, que quis manifestar e comunicar a sua bondade, verdade e beleza. O fim último da criação é que Deus, em Cristo, possa ser «tudo em todos» (*1 Cor 15,28*), para a sua glória e para a nossa felicidade (nº 53).

«A Glória de Deus é o homem vivo e a vida do homem é a visão de Deus» (Santo Ireneu)

Do Concílio Vaticano II

Como a alma no Corpo

Cada um dos leigos deve ser, perante o mundo, testemunha da ressurreição e da vida do Senhor Jesus e sinal do Deus vivo. Todos juntos, cada um na medida das suas possibilidades, devem alimentar o mundo com frutos espirituais (*cf. Gál. 5, 22*), e devem infundir-lhe o espírito que é próprio dos pobres, dos mansos e dos pacíficos, desses que o Senhor no Evangelho proclamou bem-aventurados (*cf. Mat. 5, 3-9*). Numa palavra, «o que a alma é no corpo, sejam-no os cristãos no mundo». *LG, 88*)

Exortação do Concílio aos leigos

Portanto, o Sagrado Concílio pede encarecidamente no Senhor a todos os leigos que respondam com decisão, generosidade de espírito e disponibilidade de coração, à voz de Cristo, que nesta hora os convida mais insistentemente, e ao impulso do Espírito Santo.

Sintam os jovens que este chamamento se dirige especialmente a eles e correspondam com entusiasmo e generosidade.

De facto, o próprio Senhor, por meio deste Sagrado Concílio, convida, mais uma vez, todos os leigos a unirem-se a Ele cada vez mais intimamente e a associarem-se à Sua missão Salvadora, sentindo como próprias as Suas coisas (*cf. Fil. 2, 5*); de novo os envia a toda a cidade e lugar onde Ele há de ir (*cf. Lc. 10, 1*), para, por meio das várias formas e modos do único apostolado da Igreja, serem seus cooperadores, sempre adaptados às novas necessidades dos tempos, sempre abundantes no trabalho do Senhor, sabendo que o seu esforço não é vão diante do Senhor (*cf. I Cor. 15, 58*).

Da encíclica «Lumen fidei» (LF – Luz da Fé), do Papa Francisco

A fé e o bem comum

A luz da fé é capaz de valorizar a riqueza das relações humanas, a sua capacidade de perdurarem, serem fiáveis, enriquecerem a vida comum. A fé não afasta do mundo, nem é alheia ao esforço concreto dos nossos contemporâneos. Sem um amor fiável, nada poderia manter verdadeiramente unidos os homens: a unidade entre eles seria concebível apenas enquanto fundada sobre a utilidade, a conjugação dos interesses, o medo, mas não sobre a beleza de viverem juntos, nem sobre a alegria que a simples presença do outro pode gerar. A fé faz compreender a arquitetura das relações humanas, porque identifica o seu fundamento último e destino definitivo em Deus, no seu amor, e assim ilumina a arte da sua construção, tornando-se um serviço ao bem comum. Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo a que caminhem para um futuro de esperança. (nº 51)

Do Evangelho

- As Bem-aventuranças: Mateus 5, 1-12
- Papel dos discípulos no mundo: Mateus 5, 13-16

AGIR

Do que verificámos no **ver** e do aprofundamento do **julgar**, qual vai ser o nosso **agir**:

- No sentido individual do nosso empenhamento nas realidades de vida que estamos inseridos do nosso mundo local;
- Da nossa Equipa-Base no sentido dos cristãos que estão ociosos;

- E da Equipa Diocesana no sentido de promover ações de formação sobre a Doutrina Social da Igreja, de modo a ***Viver a ACR – Missão no Mundo.***

Segunda Parte

A Força da Família em Tempos de Crise



A força da família em tempos de crise

Introdução

«Consideramos da maior oportunidade, no atual contexto da sociedade portuguesa, atravessada por uma crise social e económica de particular gravidade, que se traduz para muitos em desalento e falta de perspetivas de futuro, colocar em relevo o bem insubstituível que representa a instituição familiar, “origem e património da humanidade” (Bento XVI).

A família representa um bem público, um bem social. Podemos encará-la na perspetiva do seu relevo privado, como um bem para a realização pessoal, no plano afetivo, espiritual ou outros, de cada um dos seus membros. Mas devemos também encará-la na perspetiva do seu relevo social, do bem que representa para a sociedade no seu todo. Podemos caracterizá-la como a fonte básica do capital humano, social e espiritual de uma sociedade, a que assegura o seu futuro e o seu crescimento harmonioso. A saúde e coesão de uma sociedade dependem, por isso, da saúde e coesão da família.

Só a família concebida a partir do compromisso definitivo entre um homem e uma mulher pode desempenhar esta função social. As alterações legislativas que, entre nós como noutros países, vêm redefinindo o casamento de forma a nele incluir uniões de pessoas do mesmo sexo, esquecem esta verdade fundamental.

A família é a primeira e mais básica das instituições sociais, antes de mais porque assegura a renovação das gerações, sendo a primeira função de qualquer comunidade a de assegurar a sua própria sobrevivência e renovação. E cumpre essa função porque representa o contexto mais adequado e harmonioso para a educação das novas gerações.

A família é o santuário da vida e do amor, lugar da manifestação de “uma grande ternura, que não é a virtude dos fracos, antes pelo contrário denota fortaleza de ânimo e capacidade de solicitude, de compaixão, de verdadeira

abertura ao outro, de amor. Não devemos ter medo da bondade, da ternura”
(Papa Francisco).»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº1)

Tema I

O Valor da Família

VER

- Como vive a minha família? Como vivo com a minha família?
- Como vivemos na família que é a ACR? Conseguimos ser uma verdadeira comunidade de amor?
- Que problemas afetam as famílias de hoje?
- Olhando à nossa volta, como vivem as famílias da nossa comunidade?
- Na família há lugar para a aprender a viver em sociedade? Se não, onde acontece?

JULGAR

«Na família respeita-se a dignidade da pessoa humana, esta é encarada como ser único e irrepitível. Nela não há lugar para o anonimato. Nela a pessoa é acolhida e amada pelo que *é*, não pelo que *faz* ou pelo que *produz*. Por isso, o contexto familiar é aquele em que os mais vulneráveis, incluindo os doentes e portadores de deficiência, não deixam de ser valorizados.

A família é a primeira e mais básica escola de sociabilidade. Nela se aprende a convivência com o *outro* e o *diferente*; o homem é diferente da mulher, os irmãos nunca são iguais, e os filhos nunca são o reflexo da imagem dos pais.

Na família a solidariedade não é imposta, é espontânea e calorosa. Ela é o campo privilegiado da gratuidade, do dom desinteressado, onde espontaneamente se dá sem esperar nada em troca e com a maior das alegrias.

Na família a autoridade é exercida como serviço e por amor.

A renovação das gerações no seio da família também permite a mais harmoniosa aliança entre a tradição e a novidade. As gerações mais velhas

transmitem às gerações mais novas, como a sua mais preciosa herança, aqueles valores perenes que não estão sujeitos à usura do tempo e não passam com as modas. As gerações mais novas representam a abertura ao novo, ao dinamismo e à criatividade, que tornam vivos esses valores perenes. Num outro aspeto a família representa o contexto mais adequado e harmonioso para o crescimento e educação das novas gerações. A família nasce da unidade e complementaridade das dimensões masculina e feminina, que cooperam, nessa unidade e complementaridade, para a integridade da educação humana.

O casamento, como união entre um homem e uma mulher, tem representado nas sociedades e culturas mais diversificadas um símbolo dessa riqueza que representa a dualidade sexual, da unidade dessa diversidade. A mensagem bíblica exprime-o com as palavras do *Génesis*: ”*Deus os criou homem e mulher ... e viu que a sua obra era muita boa...*”. Esta riqueza da dualidade sexual, da unidade e complementaridade dos dois sexos, está presente na família e, por seu intermédio, deve penetrar em toda a sociedade. Todos os âmbitos da vida social ganham com o contributo simultâneo, diversificado e harmónico das especificidades masculina e feminina, que são complexas, não são rígidas e uniformes, mas são uma insubstituível riqueza.»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº2)

AGIR

- A família é um lugar onde deve prevalecer a dignidade, e é nela que as crianças devem aprender a crescer em sociedade. Relembre à sua família a importância que ela tem para si, pois nunca é demais dizer ou fazer gestos que façam manter a chama do amor que sentimos pela nossa família.
- Perante os problemas específicos da comunidade, promovam uma ação de sensibilização para a importância da família. Elaborem uma

pagela ou uma exposição que relembre que a criança se forma em casa, que a família é a primeira escola para a vida social.

- Sensibilizem os grupos e Movimentos da paróquia a desenvolver uma ação que relembre à comunidade o valor da família.

Tema II

A Família e a Crise Económica e Social

VER

- Conhecemos famílias e situações difíceis? Que tem a comunidade feito para as ajudar?
- As famílias alteraram os seus hábitos de consumo? Quais? E porquê?

JULGAR

«A crise económica e social que o nosso país atravessa vem evidenciando, precisamente, a riqueza que representa a família. Tem sido a solidariedade familiar, que se traduz em solidariedade entre gerações, em muitos casos, o primeiro e mais seguro apoio de quem se vê a braços com o desemprego, ou a queda abrupta de rendimentos, com a consequente incapacidade de fazer face a compromissos assumidos que se destinam à satisfação de necessidades familiares essenciais, como a da habitação.

Mas esse apoio não é suficiente. A crise também evidencia que a comunhão e solidariedade que se vivem no seio da família não pode limitar-se ao seu âmbito interno. A família não pode fechar-se sobre si. Esse espírito de comunhão e solidariedade deve partir da família e alargar-se à sociedade inteira. Deve traduzir-se na entreatajuda entre várias famílias. As experiências de muitas comunidades cristãs são já disso testemunho, mas não é demais salientar a necessidade de se multiplicarem essas experiências de partilha entre famílias.

Na raiz da crise que atravessamos estão fracassos de um modelo económico assente na maximização do lucro e do consumo. Afirma Bento XVI na sua mensagem para o Dia Mundial da Paz deste ano (n. 5): “O modelo que prevaleceu nas últimas décadas apostava na busca da maximização do lucro e do consumo, numa ótica individualista e egoísta que pretendia avaliar as

pessoas apenas pela sua capacidade de dar resposta às exigências da competitividade. Olhando de outra perspectiva, porém, o sucesso verdadeiro e duradouro pode ser obtido com a dádiva de si mesmo, dos seus dotes intelectuais, da própria capacidade de iniciativa, já que o desenvolvimento económico suportável, isto é, autenticamente humano tem necessidade do princípio da gratuidade como expressão de fraternidade e da lógica do dom”.

A gratuidade típica das relações familiares deve servir de modelo para este novo paradigma de desenvolvimento económico.»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº3)

AGIR

- Promover ações de solidariedade junto de famílias em dificuldade.
- Criar hábitos de consumo marcados pela solidariedade e partilha («a ética do suficiente»).
- Promover uma ação de sensibilização sobre a importância da família.

Tema III

A Família e a Abertura à Vida

VER

- A crise demográfica (poucas crianças e jovens, e muitos idosos) faz-se sentir na nossa terra?
 - Porque acontece esta situação invertida na pirâmide etária?
 - Que consequências tem esta situação agora e no futuro?
- Que relação tem a questão do emprego com a crise demográfica do nosso país?

JULGAR

«Talvez o mais eloquente sinal de que a crise da instituição familiar se traduz em malefícios sociais seja o da crise demográfica, que muitos consideram o mais grave dos problemas sociais das sociedades europeias, numa perspectiva do seu futuro mais ou menos próximo. As últimas estatísticas apontam Portugal como um dos países com mais baixa taxa de natalidade em todo o mundo.

A família abre-se, por desígnio natural, à vida.

Poderá parecer irrealista salientar a importância desta abertura à vida no atual contexto social, em que o desemprego e a precariedade laboral atingem de modo particular os jovens. Este facto deve levar-nos a não nos resignarmos com esta situação, como se ela fosse inevitável, como se a economia não devesse estar ao serviço da pessoa humana, e fosse a pessoa humana a dever sujeitar-se às exigências da economia. Salienta Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate* (n. 25), a propósito da instabilidade laboral, que quando “se torna endémica a incerteza sobre as condições de trabalho, resultante dos processos de mobilidade e desregulamentação, geram-se

formas de instabilidade psicológica, com dificuldade a construir percursos coerentes na própria vida, incluindo o percurso rumo ao matrimónio”.

Mas, por outro lado, a crise que atravessamos também é reflexo da crise demográfica. Numa sociedade em envelhecimento, as despesas públicas serão cada vez maiores em pensões, saúde, etc., e as receitas cada vez menores. Assim, o financiamento do Estado há de ser cada vez mais problemático.

É claro o bem que representa hoje a maior longevidade, o facto de os idosos viverem mais tempo do que noutras épocas. O que é problemático não é isso; não há idosos “a mais”, porque estes são sempre uma riqueza, e nunca um peso. O que é problemático e causa desequilíbrios é que não nasçam crianças.

Afirma ainda Bento XVI na encíclica *Caritas in veritate* (n. 44): “A abertura moralmente responsável à vida é uma riqueza social e económica. (...) A diminuição dos nascimentos, situando-se por vezes abaixo do chamado ‘índice de substituição’, põe em crise também os sistemas de assistência social, aumenta os seus custos, contrai a acumulação de poupanças e, consequentemente, os recursos financeiros necessários para os investimentos, reduz a disponibilização de trabalhadores qualificados, restringe a reserva aonde ir buscar os ‘cérebros’ para as necessidades da nação. Além disso, as famílias de pequena e, às vezes, pequeníssima dimensão correm o risco de empobrecer as relações sociais e de não garantir formas eficazes de solidariedade. São situações que apresentam sintomas de escassa confiança no futuro e de cansaço moral. Deste modo, torna-se uma necessidade social, e mesmo económica, continuar a propor às novas gerações a beleza da família e do matrimónio, a correspondência de tais instituições às exigências mais profundas do coração e da dignidade da pessoa. Nesta perspetiva, os Estados são chamados a instaurar políticas que promovam a centralidade e a integridade da família, fundada no matrimónio entre um homem e uma

mulher, célula primeira e vital da sociedade, preocupando-se também com os seus problemas económicos e fiscais, no respeito da sua natureza relacional”.

Ajudam a combater a crise da natalidade medidas fiscais, que promovam o emprego juvenil, ou que facilitem a conciliação entre o trabalho e a vida familiar. Mas o contributo decisivo para vencer a crise demográfica situa-se no plano da cultura e da mentalidade. Há que superar o “cansaço moral” e a “falta de confiança no futuro” a que alude a encíclica *Caritas in veritate*. Saber que a vida é sempre um dom que compensa todos os sacrifícios – só com esta consciência pode ser vencida a crise da natalidade.

Qualquer mensagem de desvalorização da vida humana acarreta consequências negativas a este respeito. Uma delas – sem dúvida a mais grave – é o aborto e sua banalização a que vimos assistindo entre nós com a cobertura da lei vigente. Afirma, ainda, sobre esta questão, a *Caritas in veritate* (n. 28): “Quando uma sociedade começa a negar e a suprimir a vida, acaba por deixar de encontrar as motivações e energias necessárias para trabalhar ao serviço do verdadeiro bem do homem. Se se perde a sensibilidade pessoal e social ao acolhimento duma nova vida, definham também outras formas de acolhimento úteis à vida social. O acolhimento da vida revigora as energias morais e torna-nos capazes de ajuda recíproca”.)»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº4)

AGIR

- Promover uma cultura de abertura à vida junto dos casais, ajudando-os a respeitar e a acolher a vida.
- Apoiar famílias com crianças, ajudando-as nos seus problemas (ocupação de tempos livres, acompanhamento no estudo, recolha de: roupa, livros, brinquedos...)

Tema IV

A Família, um Projeto Duradouro

VER

- Na nossa terra há casos de divórcio? Que causas levaram a esta situação?
- Os jovens casais optam pelo casamento ou pela «união de facto»? Que motivos justificam a sua opção?
- O sacramento do matrimónio é preparado pelos noivos e apoiado pelos cristãos, sobretudo em momentos de crise? Que fazemos junto dos casais em dificuldade?

JULGAR

«Para vencer a crise demográfica, como em relação a muitos outros aspetos relativos à sua função social, há que acreditar na família como um projeto duradouro, assente num compromisso de doação total e não na volatilidade dos sentimentos. Só nesse contexto é razoável a decisão de ter filhos. Se a saúde e coesão da sociedade dependem da saúde e coesão da família, esta está estritamente ligada à sua estabilidade.

Vai-se generalizando, porém, a opção por formas de convivência marital precária, que recusam esse compromisso; tal como é cada vez mais frequente o recurso ao divórcio, o que a legislação vigente também não deixa de facilitar em extremo.

Salienta, a este respeito, a exortação apostólica *Familiaris consortio* (n. 11), de João Paulo II, que “a sexualidade diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana” e se realiza “de maneira verdadeiramente humana, somente se é parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até à morte”. A doação física total é verdadeira só na medida em que envolve toda a pessoa, também na sua dimensão

temporal, com a comunhão de projetos para o futuro: “se a pessoa se reservasse alguma coisa ou a possibilidade de decidir de modo diferente para o futuro, só por isto já não se doaria totalmente». Esta totalidade corresponde também às exigências de uma fecundidade responsável, a qual supõe o contributo contínuo do pai e da mãe para o crescimento harmonioso dos filhos. Por isso, ainda segundo essa exortação apostólica (n. 11), “o ‘lugar’ único, que torna possível esta doação segundo a sua verdade total, é o matrimônio”. Este “não é uma ingerência indevida da sociedade ou da autoridade, nem a imposição extrínseca de uma forma, mas uma exigência interior do pacto de amor conjugal que publicamente se afirma como único e exclusivo, para que seja vivida assim a plena fidelidade ao desígnio de Deus Criador”. Esta fidelidade não mortifica a liberdade da pessoa, “põe-na em segurança em relação ao subjetivismo e relativismo, fá-la participante da Sabedoria Criadora”.

A esta luz, não é demais lembrar a responsabilidade que representa a preparação, mais remota e mais próxima, para o casamento. Uma preparação que envolve as famílias, as instâncias educativas e a Igreja.

Importa, ainda, salientar como, também neste aspeto, deve evitar-se que cada família se veja sozinha a enfrentar dificuldades que possam conduzir à rutura. A experiência de um casal que soube superar as suas dificuldades de relacionamento pode servir de ajuda para outros que se confrontam com essas dificuldades. Experiências de entreaajuda entre famílias neste campo também devem multiplicar-se no âmbito das comunidades cristãs.

E se é verdade que a Igreja nunca deixará de proclamar a indissolubilidade do casamento, antes de mais perante quem se prepara para o contrair, tal não pode significar insensibilidade ou indiferença perante o sofrimento de quem experimentou um fracasso matrimonial, independente de qualquer juízo de culpa, que até pode nem existir. A Igreja acolhe e acompanha com solicitude essas pessoas.

Olhamos com simpatia e apreço os movimentos e instituições que se preocupam e dedicam à família, encarnando o amor de Deus e manifestando-lhe o rosto amável da Igreja.»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº5)

«Muitas vezes a família é encarada como um refúgio que protege de um ambiente hostil da sociedade que nos rodeia, um oásis de harmonia no meio do deserto, um espaço de humanização no meio de um mundo desumanizado. E é assim de facto. Mas também podemos encarar a família de outra perspectiva: como a fonte e o fermento de onde parte a renovação da sociedade. É assim através dos filhos, que se devem proteger das más influências da sociedade, mas que também a esta podem dar muito do que recebem na família.

Os valores que se vivem na família – a pessoa amada e acolhida como ser único e irrepetível, o amor gratuito, a solidariedade espontânea, a autoridade como serviço, o valor do doente e do idoso, a aliança da tradição e da inovação, a unidade e complementaridade das dimensões masculina e feminina, a fidelidade e o compromisso – devem estender-se, por seu intermédio, a toda a sociedade: às empresas, aos serviços públicos, às escolas e hospitais, às comunidades eclesiais, às associações. A família é o modelo, o *dever ser* de qualquer convivência humana.

Num contexto de crise económica e social, que para muitos se traduz em desalento e falta de perspectivas de futuro, é esta a mensagem que queremos transmitir, como antídoto a esse desalento e como ajuda à superação dessa crise: que a família seja reconhecida e apoiada na missão social que só ela pode desempenhar.»

(Nota Pastoral «A Força da Família em Tempos de Crise», nº6)

AGIR

- Apoiar os casais que passam por crises conjugais.
- Ajudar os noivos na preparação do matrimónio (CPM ou outras iniciativas pastorais).
- Esclarecer sobre as diferenças entre «casamento» e «união de facto», realçando o valor do «compromisso» na vida de um casal.

Anexo

Homilia do Papa Francisco na Missa pelas Famílias

(Domingo, 27 de Outubro de 2013)

As leituras deste domingo convidam-nos a meditar sobre algumas características fundamentais da família cristã.

A primeira: *a família reza*. A passagem do Evangelho destaca dois modos de rezar: um falso – o do fariseu – e outro autêntico – o do publicano. O fariseu encarna uma postura que não expressa tanto agradecimento a Deus pelos seus benefícios e pela sua misericórdia, como, sobretudo, auto-satisfação. O fariseu sente-se justo, sente-se com a consciência tranquila, **vangloria-se disto** e julga os demais do alto do seu pedestal. O publicano, ao contrário, não multiplica as palavras. A sua oração é humilde, sóbria, permeada pela consciência da própria indignidade, das próprias misérias: este homem **verdadeiramente** reconhece-se necessitado do perdão de Deus, **da misericórdia de Deus**.

A oração do publicano é a oração do pobre, é a oração agradável a Deus que, como fala a primeira leitura, *subirá até as nuvens* (cf. *Eclo* 35, 20), enquanto a oração do fariseu está sobrecarregada pelo peso da vaidade.

À luz desta Palavra, queria perguntar-vos, queridas famílias: Rezais algumas vezes em família? Alguns, eu sei que sim. Mas, muitos perguntam-me: Mas, como é possível? Deve-se fazer **como o publicano, está claro: com humildade, diante de Deus. Cada um com humildade deixa-se olhar pelo Senhor e pede a sua bondade, que venha até nós. Mas, na**

família, como se faz? Porque parece que a oração é uma coisa pessoal; além disso, nunca se encontra um momento oportuno, tranquilo, **em família...** Sim, isso é verdade, mas é também questão de humildade, de reconhecer que precisamos de Deus, como o publicano! **E todas as famílias, todos nós precisamos de Deus: todos, todos! Há necessidade da sua ajuda, da sua força, da sua bênção, da sua misericórdia, do seu perdão.** E é preciso simplicidade: **para rezar em família, é necessária simplicidade!** Rezar juntos o “Pai Nosso”, ao redor da mesa, **não é algo extraordinário: é fácil.** E rezar juntos o Terço, em família, é muito belo; dá tanta força! E **também** rezar um pelo outro: **o marido pela esposa; a esposa pelo marido; os dois pelos filhos; os filhos pelos pais, pelos avós... Rezar um pelo outro. Isto é rezar em família, e isto fortalece a família: a oração.**

A segunda Leitura nos sugere outro ponto: *a família guarda a fé.* O apóstolo Paulo, no ocaso da sua vida, faz um balanço fundamental, e diz: « guardei a fé » (2Tm 4,7). Mas, como a guardou? Não num cofre! Nem a escondeu debaixo da terra, como o servo um pouco preguiçoso dos talentos. São Paulo compara a sua vida com uma batalha e com uma corrida. Guardou a fé, porque não se limitou a defendê-la, mas a anunciou, irradiou-a, levou-a longe. Opôs-se de modo decidido àqueles que queriam conservar, “embalsamar” a mensagem de Cristo nos limites da Palestina. Por isso, tomou decisões corajosas, penetrou em territórios hostis, deixou-se atrair pelos que estavam longe, por culturas diferentes, falou francamente, sem medo. São Paulo guardou a fé, porque, como a tinha recebido, assim a entregou, dirigindo-se às periferias, sem se fincar em posições defensivas.

Aqui também, podemos perguntar-nos: De que modo nós, **em família**, guardamos a nossa fé? Conservamo-la para nós mesmos, na nossa família, como um bem privado, como uma conta no banco, ou sabemos partilhá-la com o testemunho, com o acolhimento, com a abertura aos demais? Todos sabemos que as famílias, sobretudo as jovens famílias, estão frequentemente “correndo”, muito atarefadas; mas já pensastes alguma vez que esta “corrida” pode ser também a corrida da fé? As famílias cristãs são famílias missionárias. **Ontem escutamos, aqui na praça, o testemunho de famílias missionárias.** Elas são missionárias também na vida quotidiana, fazendo as coisas de todos os dias, colocando em tudo o sal e o fermento da fé! **Guardai a fé em família e colocai o sal e o fermento da fé nas coisas de todos os dias.**

E há um último aspecto que tiramos da Palavra de Deus: *a família vive a alegria*. No Salmo Responsorial, encontramos esta expressão: «ouçam os humildes e alegrem-se» (Sl. 33,4). Todo este Salmo é um hino ao Senhor, fonte de alegria e de paz. Qual é o motivo desta alegria? É este: o Senhor está perto, escuta o grito dos humildes e liberta-os do mal. Como escrevia São Paulo: «Alegrai-vos sempre... O Senhor está próximo!» (Fl 4,4-5). **Pois bem... gostaria de fazer uma pergunta hoje. Mas, cada um leva esta pergunta no seu coração, para a sua casa, certo? É como deveres de casa. E responde sozinho. Como se vive a alegria, na tua casa? Como se vive a alegria na tua família? Bem, dai vós mesmos a resposta.**

Queridas famílias, como bem sabeis, a verdadeira alegria que se experimenta na família não é algo superficial, não vem das coisas, das circunstâncias favoráveis... A alegria verdadeira vem da harmonia profunda

entre as pessoas, que todos sentem no coração, e que nos faz sentir a beleza de estarmos juntos, de nos apoiarmos uns aos outros no caminho da vida. Mas, na base deste sentimento de alegria profunda está a presença de Deus, e na **presença de Deus** na família, está o seu amor acolhedor, misericordioso, cheio de respeito por todos. **E, acima de tudo, um amor paciente: a paciência é uma virtude de Deus e nos ensina, na família, a ter este amor paciente, um com o outro. Ter paciência entre nós. Amor paciente.** Só Deus sabe criar a harmonia a partir das diferenças. Se falta o amor de Deus, a família também perde a harmonia, prevalecem os individualismos, e apaga-se a alegria. Pelo contrário, a família que vive a alegria da fé, comunica-a espontaneamente, é sal da terra e luz do mundo, é fermento para **toda** a sociedade.

Queridas famílias, vivei sempre com fé e simplicidade, como a Sagrada Família de Nazaré.

A alegria e a paz do Senhor estejam sempre convosco!

Terceira Parte

Renovar a Pastoral da Igreja em Portugal



Tema I

Dificuldades da Comunidade Cristã

Introdução

Em 2011 a ACR participou de uma forma ativa no estudo que visou analisar a Pastoral da Igreja em Portugal. Após muita meditação, a Conferência Episcopal Portuguesa redigiu um documento, datado de 11 de abril de 2013, com as conclusões da reflexão que envolveu toda a Igreja portuguesa, denominado «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal». É este documento que passamos agora a analisar e refletir.

VER

O inquérito que nos foi lançado em 2011, questionou quais eram as necessidades da nossa Igreja, no contexto em que ela se insere, apresentando assim as suas fragilidades. Deste modo, os pedidos mais presentes nos inquéritos foram os seguintes:

- «a) uma Igreja permanentemente em estado de oração, formação, renovação e missão, cada vez mais atenta a todas as pessoas e aos sinais dos tempos;
- b) uma Igreja mais dinâmica e participativa, discipular e missionária, próxima e acolhedora, ao estilo de Jesus, Bom Pastor, e das primeiras comunidades cristãs admiravelmente retratadas nos Atos dos Apóstolos (Act 2,42 47; 4,32 35; 5,12 15);
- c) uma Igreja intensamente marcada pela prática da caridade fraterna, que não fique à espera das pessoas, mas que vá ao seu encontro;
- d) uma Igreja que se faça companheira de viagem dos jovens, sempre atenta aos seus sonhos, anseios e problemas, tendo em conta que os jovens procuram a Igreja, não para se divertirem, mas para se alimentarem interiormente;

- e) uma Igreja que sinta, viva, partilhe e se empenhe a ajudar a resolver os inúmeros problemas que hoje assolam as famílias;
- f) uma Igreja que busque sempre o empenho e a participação de todos, sacerdotes, diáconos, consagrados e leigos, para juntos auscultarmos e seguirmos os rumos que Deus nos quiser indicar.»

(nº 2 da *Nota Pastoral*

«*Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal*»)

- Estão presentes na minha comunidade as dificuldades que estes pedidos referem?

JULGAR

- O que leva a que a minha comunidade tenha presente as dificuldades apresentadas?
- Como tenho eu e o meu grupo assumido estas dificuldades, de modo a tentar ultrapassá-las?

Do Evangelho

- As primeiras comunidades: Act 2,42 47; 4,32 35; 5,12 15

AGIR

- Após uma análise e reflexão da minha comunidade perante estas dificuldades, como posso, e como pode o grupo, transformar o meio?
- Realize(m) uma ação com o objetivo de superar estas dificuldades.

Tema II

Os Jovens e a Igreja

Introdução

A Universidade Católica Portuguesa confirmou os dados apresentados no nº2 da Nota Pastoral «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal», apresentada no tema anterior, através de um inquérito sobre «Identidades Religiosas em Portugal – Representações, Valores e Práticas». O inquérito agora referido «chamou a nossa atenção para uma certa desafeição e quebra de laços de pertença à Igreja de uma parte da população portuguesa, com particular incidência nos jovens.» (nº3 da *Nota Pastoral «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal»*)

VER

- Como estão ligadas as pessoas da minha comunidade à Igreja?
- Sente-se o afastamento de alguma faixa etária (crianças, adolescentes, jovens adultos)?
- Como reagem os jovens da minha comunidade às propostas da Igreja?

JULGAR

- Que razões apresentam as pessoas da comunidade para se afastarem da Igreja?
- Porque é que os mais jovens se afastam ou não estão tão ligados à Igreja?

AGIR

«A recente realização do Sínodo dos Bispos, em Roma, pediu insistentemente muito maior empenho, dedicação e carinho na transmissão da fé, mãos nas mãos, de modo a que nos tornemos cristãos convictos e credíveis, bem assentes sobre o único fundamento que é Jesus Cristo (1 Cor 3,11). Pediu também um olhar novo, atento, comovido e evangelizador para este mundo que Deus criou e ama, e que é sua plantação diletta (Is 61,3).» (nº 4 da *Nota Pastoral «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal»*)

- Como torno visível a minha «dedicação e carinho na transmissão da fé», de modo a tornar-me um cristão credível?
- Que ações realiza o grupo que demostrem à comunidade que são um grupo de «cristãos convictos e credíveis»?
- Através do «olhar novo, atento, comovido e evangelizador», o que vai o grupo realizar, e cada um individualmente, para que a transmissão da fé aconteça na comunidade?

Tema III

Caminhos de Comunhão

Introdução

O último ponto da Nota Pastoral propõe-se a trilhar caminhos de comunhão, «num só coração e numa só alma». Este tema destina-se a aprofundar os caminhos de unidade que podem ser desenvolvidos nas nossas comunidades.

VER

- A comunidade em que estou/estamos inserido(s) vive em comunhão?
Há entreatajuda e projetos comuns entre os grupos e Movimentos?

JULGAR

«⁴²Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações. ⁴³Perante os inumeráveis prodígios e milagres realizados pelos Apóstolos, o temor dominava todos os espíritos. ⁴⁴Todos os crentes viviam unidos e possuíam tudo em comum.» (Act 2, 42-44)

- Segundo o exemplo da comunidade cristã que nos apresenta o livro dos Atos dos Apóstolos, de que modo vive a minha/nossa comunidade?

Do Documento “Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal”

Os caminhos para a comunhão

Os caminhos para a comunhão da Igreja portuguesa, de modo a que seja uma só, são os seguintes:

«A) Primado da graça e nova mentalidade

Formar comunidades assentes no primado da graça, da contemplação, da comunhão e da oração, sabendo todos bem, pastores e fiéis leigos, que o essencial da vivência cristã e dos frutos pastorais na vida da comunidade não depende tanto do nosso esforço de programação e da multiplicação dos nossos passos e afazeres, mas depende sobretudo da transformação da nossa mente e da conversão do nosso coração operadas pela ação da graça de Jesus Cristo, que disse: «Sem mim, nada podeis fazer» (Jo 15,5). Neste sentido, queremos intensificar a oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, valorizar a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, criar grupos de escuta e partilha da Palavra de Deus.

B) Comunhão para a missão

Formar comunidades que sejam autênticas escolas de vivência da fé e da comunhão, gerando entre todos os seus membros laços de fidelidade, de proximidade e de confiança, que se traduzam no serviço humilde da caridade fraterna. É este o caminho para avivar o sentido de pertença à comunidade e para fortalecer os laços da comunhão, que é a primeira forma de missão, de acordo com a Palavra de Jesus, Bom Pastor: «Nisto todos saberão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros» (Jo 13,35). De acordo também com a forma de viver das primeiras comunidades cristãs.

C) Missão de todos para todos

Os dois rumos anteriores abrem necessariamente para um terceiro: a missão como empenho da comunidade toda e de todos os seus membros. Torna-se, de facto, necessário que todos os itinerários de catequese e de formação cristã assumam esta perspetiva missionária como elemento cen-

tral quer a nível de conteúdos quer de método. Isto significa que o chamado à santidade, ao seguimento de Jesus Cristo, ao serviço na Igreja e à missão são uma única realidade a promover desde a iniciação cristã, continuando com os jovens, e envolvendo as famílias, os adultos, a comunidade inteira.

D) Testemunhar a fé revitalizada

Este processo de revitalização do tecido pastoral da Igreja em Portugal continua a requerer o envolvimento de todos os bispos, sacerdotes, consagrados e fiéis leigos, rezando e trabalhando lado a lado, para juntos sentirmos a alegria de sermos discípulos de Jesus Cristo, todos enviados e empenhados em fazer novos discípulos através da transmissão da nossa fé pelo testemunho de vida e pela palavra. A palavra que dizemos tem de ser viva, saboreada e saborosa (Cl 4,6), cheia de Cristo e de esperança ativa. O testemunho que damos tem de ser sem disfarces e sem estratégias, humilde, atento, comovido, próximo e acolhedor, profético e evangelizador, que deixe ver, à imagem de Jesus, Bom Pastor, uma Igreja que não se fecha sobre si, mas que sai de si, para o átrio deste mundo que Deus ama.

E) Fomentar iniciativas de iniciação cristã e de formação

É notório que, no mundo em que nos é dado viver, os indicadores que sinalizam os caminhos para a fé se encontram cada vez mais rarefeitos, sendo maiores as dificuldades sentidas no seio da família e das organizações eclesiais para a transmissão da fé às novas gerações. Impõe-se, portanto, uma aposta mais intensa e dinâmica na iniciação cristã das crianças e jovens, bem como no catecumenato de adultos. Prioritária é também a formação da vivência cristã de todos, particularmente dos agentes pastorais e dos líderes cristãos, que os leve a preparar-se, cada vez mais e melhor, para a missão e a nela se empenhar.

F) Comprometidos com as iniciativas pastorais em curso

Várias dioceses têm em curso a preparação ou realização de um Sínodo diocesano. Múltiplas iniciativas pastorais estão em andamento no âmbito do Ano da Fé, do recente Sínodo dos Bispos sobre a promoção da nova evangelização, das celebrações do 50.º aniversário da abertura do Concílio Vaticano II e da preparação do centenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima. Os aspetos acima postos em realce não vêm anular os projetos já em andamento; antes, podem valorizá-los e potenciá-los, e, porventura, provocar uma partilha fraterna mais intensa de todas as coisas boas que já se estão a fazer.

G) A ter sempre diante dos olhos e no coração

Escuta bem, com toda a atenção, Igreja em Portugal:

— reúne-te à volta de Jesus, aprende a rezar e, com Jesus e como Jesus, vai com alegria e ousadia sempre renovadas à procura e ao encontro dos teus filhos e filhas;

— reveste-te sem ostentação nem riquezas, mas com humildade e verdade e com a ternura de Jesus Cristo;

— acolhe e vive o Evangelho como uma graça recebida, transmite-o com amor e fidelidade, e não como um produto para publicitar ou para colocar no mercado;

— põe todo o esmero a preparar e oferecer, com carinho, verdadeiros itinerários de iniciação e de formação cristã para crianças, adolescentes jovens e adultos;

— redobra o teu empenho na preparação dos candidatos ao sacerdócio;

— fica sempre atenta e vigilante e sê persistente em tudo o que diz respeito à formação permanente dos teus sacerdotes;

— reconhece os consagrados pela riqueza dos seus carismas como membros ativos e indispensáveis no crescimento e na ação do Povo de Deus;

— cuida também da formação dos fiéis leigos, com especial atenção aos mais comprometidos na vida da Igreja e da sociedade, e estimula-os a serem verdadeiros discípulos de Jesus e seus missionários apaixonados e felizes no coração do mundo;

— vela sempre, com afeto maternal, por todos os teus filhos e filhas, e nunca deixes que se transformem em meros funcionários, perdendo o ar-
dor e o primeiro amor.»

(nº 6 da *Nota Pastoral «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal»*)

AGIR

O grupo, cada um individualmente, e em conjunto com outros grupos ou Movimentos da comunidade, com base no que no nº6 da Nota Pastoral, deve(m) realizar ações que visem atingir os objetivos de unidade e comunhão presentes na Nota Pastoral «Promover a Renovação da Pastoral da Igreja em Portugal»:

- Intensificar «a oração pessoal e comunitária, dar a todas as ações litúrgicas a dignidade que lhes é devida, valorizar a celebração dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, criar grupos de escuta e partilha da Palavra de Deus» (A – Primado da graça e nova mentalidade)
- Avivar e fortalecer o sentido de pertença à comunidade, formando «comunidades que sejam autênticas escolas de vivência da fé e da comunhão, gerando entre todos os seus membros laços de fidelidade, de proximidade e de confiança, que se traduzam no serviço humilde da caridade fraterna.» (B – Comunhão para a missão)

- Assumir a catequese e a formação cristã sendo «perspetiva missionária como elemento central quer a nível de conteúdos quer de método», conduzindo à vontade de seguir Jesus Cristo (C – Missão de todos para todos)
- Realizar, leigos e sacerdotes, a «transmissão da nossa fé pelo testemunho de vida e pela palavra» (D – Testemunhar a fé revitalizada)
- Intensificar e dinamizar a «iniciação cristã das crianças e jovens, bem como no catecumenato de adultos», e na «vivência cristã de todos» (E – Fomentar iniciativas de iniciação cristã e de formação)
- «Provocar uma partilha fraterna mais intensa», através do que já acontece na comunidade, e valorizá-la pelo que estamos já a celebrar – 50 anos do Concílio Vaticano II e centenário das Aparições de Fátima (F – Comprometidos com as atividades pastorais em curso)
- «Semeia, cuida, partilha» (lema do triénio 2013-2016 da ACR), para que os filhos da Igreja não «se transformem em meros funcionários, perdendo o ardor e o primeiro amor» (G – A ter sempre diante dos olhos e no coração)

Quarta Parte

O Regresso à Agricultura



O Regresso à Agricultura

Introdução

A agricultura recuperou recentemente a atenção que merecia receber da sociedade portuguesa. Depois de décadas de abandono, e face ao aumento do desemprego e déficit alimentar, a agricultura deixou de ser apenas uma atividade de resistentes. Assiste ao regresso de jovens agricultores que se aventuram a investir em projetos inovadores, e também menos jovens que adotam as hortas urbanas e todas as hortas para produção de alguns alimentos que reduzem despesa, permitindo alguma receita extra, possibilita também atividade física e o gosto de «comer o que é nosso».

O regresso à agricultura deve ser motivo de esperança e de preocupação, com investimentos nem sempre bem alicerçados em formação, experiência e mercado, mas que devemos acolher e amparar como o pai recebeu o filho pródigo.

VER

1) Regresso à agricultura e acesso à terra

- A agricultura está viva na nossa comunidade ou a maioria das terras estão abandonadas?
- Porque há terras abandonadas? Não há interessados em cultivar ou os proprietários têm receio de arrendar?
- Houve instalação de jovens agricultores nos últimos anos? Quais os projetos?
- Haverá pessoas interessadas em cultivar uma horta e que não tem terreno disponível?

- Os agricultores participam na vida comunitária e são respeitados ou estão excluídos e desconsiderados face a outros setores profissionais?

2) Custos de produção e acesso ao mercado

- Os agricultores conseguem comercializar os produtos a preço justo?
- Existe um mercado local para venda direta?
- Haverá produtos agrícolas que não são aproveitados (por falta de calibre, aspeto, baixo preço) e que poderiam ser partilhados com os mais necessitados através das instituições de solidariedade?

3) Segurança no trabalho agrícola:

- Ao praticar a agricultura, as pessoas têm o cuidado necessário na utilização das máquinas e pesticidas? Houve acidentes?

JULGAR

A 15 de maio de 1961, o Papa João XXIII apresentou, no seu terceiro ano de Pontificado, uma nova Encíclica, intitulada *Mater et Magistra*. A Encíclica demonstra preocupações sociais, revelando desde já a presença do que chamamos Doutrina Social da Igreja. João XXIII foi o primeiro a escrever uma Encíclica sobre a questão rural e a necessidade da promoção das comunidades rurais.

No número 3 da Encíclica, o Papa João XXIII diz que a Igreja se preocupa com a santificação das almas, mas que «não deixa de preocupar-se ao mesmo tempo com as exigências da vida quotidiana dos homens». A preocupação com a vida quotidiana implica também uma preocupação com a agricultura e com o meio rural.

A Encíclica refere que para a agricultura familiar obter uma vida digna, é necessário que as pessoas recebam instrução: «É oportuno, aliás,

insistir em que a empresa de dimensões familiares será viável somente se dela puder obter-se um nível de vida digno para a família. Para isso, torna-se indispensável que os cultivadores sejam instruídos, modernizados continuamente e assistidos na técnica da sua profissão» (nº 140).

O número 141 refere que os lavradores «podem facilmente convencer-se de quanto é nobre o seu trabalho: vivem no templo majestoso da criação; estão em relações frequentes com a vida animal e vegetal, inesgotável nas expressões e inflexíveis nas leis, a qual lembra constantemente a Providência do Criador; das suas mãos, por assim dizer, brotam, em toda a sua variedade, os alimentos que sustentam a família humana; e com elas proporcionam à indústria um número cada vez maior de matérias-primas» (6). No fundo, o Papa João XXIII elogia a proximidade dos agricultores às maravilhas do Criador.

No número 143, o Papa João XXIII apela à congregação dos agricultores, porque hoje «as vozes isoladas quase não têm possibilidade de chamarem sobre si as atenções, e muito menos de se fazerem atender».

João XXIII refere também os incentivos para se ser agricultor, aludindo a esta atividade como uma vocação: «O homem encontra no trabalho agrícola mil incentivos para se afirmar, progredir e enriquecer, mesmo na esfera dos valores do espírito. É, portanto, um trabalho que se deve considerar e viver como vocação e missão; isto é, como resposta ao convite recebido de Deus para colaborar na realização do Seu plano providencial na história, como compromisso tomado de se elevar cada um a si e elevar aos outros, e ainda como auxílio para a civilização humana» (nº 146).

(excertos do texto «João XXIII, a encíclica "Mater et Magistra" e a Agricultura»,
de Joana Veigas, © SNPC | 15.06.2013

Outras leituras possíveis: Parábola do Filho Pródigo Lucas 15,11-32.

AGIR

- Que podemos mudar na nossa atitude pessoal face aos agricultores e aos produtos agrícolas?
- Que poderemos fazer como equipa para valorizar e apoiar a agricultura?
 - Convidar agricultores para a equipa da ACR?
 - Promover (junto da autarquia) uma horta comunitária?
 - Promover (junto da autarquia) um mercado para venda dos produtos agrícolas locais?
 - Promover a cedência/aluguer de terras para cultivo?
 - Organizar formação sobre o uso responsável dos pesticidas na horta e alternativas mais ecológicas?
 - Organizar formação sobre condução segura de máquinas agrícolas?
 - Outra ação que o nosso grupo possa desenvolver dentro do espírito «pouco – pequeno – possível»?

Oração da Acção Católica Rural

*Reconheço, Senhor, e agradeço o Vosso Amor,
Que, pelo Batismo, me chama
A tomar parte da Vossa Graça,
Na comunhão da Igreja;
E, pela Confirmação me envia,
Com a força do Espírito Santo,
A participar da missão da mesma Igreja.*

*Tenho consciência de que sou chamado(a) à santidade,
Vivendo o meu estado de vida com empenho e alegria,
Louvando-Vos com a minha vida quotidiana.*

*Tenho consciência também
De que sou chamado(a) a impregnar e aperfeiçoar
As realidades da vida - a educação, o trabalho, o lazer,
A política, as relações sociais, a vida económica,
Tudo o que diz respeito à pessoa humana em sociedade,
Com os princípios do Evangelho.*

*Por isso, quero e prometo, com a Vossa Graça,
Viver o meu empenho apostólico,
Na comunhão da Igreja,
Pelo Movimento da Acção Católica Rural,
Participando na definição dos seus projetos,
Acolhendo as suas orientações e propostas
E esforçando-me por pô-las em prática*

*Prometo alimentar o meu entusiasmo apostólico
Com a meditação da Vossa Palavra
E com a força da Vossa Eucaristia.
E conto com a bênção e carinho de Maria,
A serva fiel do plano de Deus. Amen!*



“O Futuro é Agora: Semeia, Cuida, Partilha!”